



# Panos quentes

**O chineses controlaram os protestos populares contra os crimes japoneses. Mas, por quanto tempo será possível contornar as divergências entre os dois países?**

Armando Sartori

As manifestações de massa realizadas em abril em Pequim, Xangai e outras oito cidades chinesas, em protesto contra as atrocidades cometidas pelos soldados japoneses antes e durante a 2ª Guerra Mundial, na China e em outros países, parecem ter ameaçado fugir ao controle das autoridades chinesas (ao alto, ato em frente ao Consulado japonês em Xangai, em meados de abril). É o que dá a entender o *Diário do Povo* de Pequim, que, em meio às demonstrações, publicou artigo segundo o qual “salvaguardar a estabilidade social é responsabilidade de cada cidadão”. Dias depois, foram presos dezenas de manifestantes por atos de violência e depredação contra instalações japonesas. E, ao mesmo tempo, a China se ofereceu para pagar os danos sofridos por representações diplomáticas e empresas japonesas durante os protestos.

**Sem esquecer** Apesar da preocupação, entretanto, os chineses não parecem dispostos a esquecer os episódios do passado, que serviram de mote para os protestos. O próprio *Diário do Povo* publicou um artigo de crítica ao Japão, baseado num tex-

to do escritor holandês Bluemask. “O escritor chama a atenção para o fato de que a chave para a visão alemã da 2ª Guerra Mundial foi o momento em que o campo de concentração de Auschwitz foi descoberto, e não a guerra em Stalingrado ou a guerra em Berlim”, diz o artigo. Mas, “a chave para a visão japonesa da 2ª Guerra Mundial é a bomba atômica em Hiroshima, ao invés da guerra em Pearl Harbor ou da guerra em Midway”.

O artigo reconhece o sofrimento do povo japonês durante o último conflito mundial. “Mas, para os povos asiáticos que sofreram a agressão japonesa, isso é só metade da história, já que o Japão é o arqui-criminoso de guerra”, diz o texto.

As atrocidades cometidas pelas tropas japonesas em outros países asiáticos são desconhecidas das novas gerações do Japão e também no Ocidente, mas são bem lembradas pelos países vitimados, como a China e a Coreia do Sul, que também denunciou os livros didáticos japoneses. Pierre Picquard, professor de Geopolítica na Universidade de Paris, lembra que em Nanquim, China, em 1937, as forças japonesas mata-

ram centenas de milhares de pessoas e estupraram milhares de mulheres, de 11 a 70 anos (ver **Orgia macabra** na página seguinte). “Dezenas de milhares de chineses foram enterrados vivos, só com a cabeça de fora. Em algumas semanas de massacres, nem as crianças foram poupadas. Milhares de chineses tiveram as cabeças cortadas diante de seus pais”. O episódio é laconicamente chamado de “incidente em Nanquim” por um livro didático japonês recém-lançado, o que serviu de estopim para as manifestações.

**Criminosos reverenciados** No Japão, embora vários governantes tenham pedido perdão aos países vizinhos, os responsáveis pelos massacres são até hoje homenageados anualmente no santuário de Yasukuni, onde estão enterrados, como heróis de guerra. Os japoneses se recusam a indenizar suas vítimas de guerra, como os alemães.

Os protestos anti-Japão na China ocorreram às vésperas do 60º aniversário do fim da 2ª Guerra na Europa (comemorado no início de maio; a guerra na Ásia só acabou em setembro, após o lançamento de bombas

atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki) e em meio a um clima de disputa pela hegemonia da economia asiática. No conflito mundial, os japoneses se aliaram com a Alemanha nazista e a Itália fascista e foram derrotados. Com o fim da guerra, o Japão foi ocupado por forças americanas, que impuseram ao país uma nova Constituição – que tornou o país militarmente dependente dos EUA. O Japão transformou-se então num aliado estratégico dos americanos no Leste asiático, em contraponto à ex-União Soviética e à China comunista, que surgiu em 1949. Nessa condição, ao longo dos anos seguintes, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, o Japão se

## ORGIA MACABRA

O termo Massacre de Nanquim refere-se às atrocidades cometidas pelos militares japoneses na cidade e suas cercanias no final de 1937 e início de 1938, durante a Guerra Sino-Japonesa (1937-1945). A extensão dos crimes e seu reconhecimento é um ponto de disputa diplomática entre China e Japão – segundo a *Wikipedia*, a enciclopédia eletrônica da Internet, entre os setores mais à direita da sociedade japonesa, por exemplo, o episódio é visto como um exagero (senão uma fabricação) e uma arma diplomática.

O Japão começou a invasão da região da Manchúria em 1931, num momento em que a China vivia uma guerra civil: os comunistas, liderados por Mao Tsé-tung, combatiam os nacionalistas do Kuomintang, dirigidos por Chiang Kai-shek. Mas, em 1937, os dois lados uniram-se contra o invasor. Em 1º de dezembro daquele ano, veio a ordem de Tóquio para a tomada de Nanquim, então a capital da República da China. Chiang Kai-shek – que comandava a resistência – decidiu abandonar a cidade. Assim, os japoneses não tiveram qualquer dificuldade em capturar Nanquim em 13 de dezembro.

*Nanquim, final de 1937: em algumas semanas, mais de 300 mil assassinatos e dezenas de milhares de estupros*



Pesquisa ODI

Segundo relatos de testemunhas, nas seis semanas que se seguiram aconteceu uma orgia de estupros, assassinatos, roubos e incêndios. Historiadores estimam que até 80 mil mulheres foram estupradas. Os japoneses, à procura de ex-soldados, capturaram milhares de jovens, a maioria dos quais civis. Muitos foram fuzilados a tiros de metralhadora à beira do rio Yangtsé. Outros foram utilizados, ainda vivos, no treinamento do uso de baionetas pelos japoneses. A decapitação, segundo relatos, foi um método muito utilizado nos assassinatos.

De acordo com estimativas do Tribunal dos Crimes de Guerra de Nanquim, o número de massacrados superou os 300 mil – 190 mil foram executados ilegalmente em vários locais e outros 150 mil foram mortos individualmente. ■

transformou numa potência econômica mundial.

Com o fim do conflito mundial, ao contrário do Japão, a China – que ficou do lado vencedor –, após um período de guerra civil, que culminou com a Revolução, manteve sua independência e sua capacidade militar. Mas, o país se isolou do Ocidente e só no início dos anos 1970, com o reatamento das relações diplomáticas com os EUA, rompeu essa situação. A partir daí, os líderes chineses colocaram em prática profundas reformas, que colocaram o país numa trajetória econômica muito bem-sucedida.

Apesar das diferenças, China e Japão mantêm relações econômicas muito importantes. Os japoneses, por exemplo, financiaram com 3 trilhões

de ienes o *boom* industrial da China. E, no Japão, as exportações à China empregam metade dos trabalhadores. Portanto, a par das emoções que mantêm vivas as feridas de guerra, há interesses dos dois governos em manter a situação sob controle. É claro que esse interesse mútuo pode ser insuficiente no futuro, à medida que se acirre a disputa econômica – enquanto a economia chinesa está em ascensão, a japonesa está praticamente estagnada há uma década.

**A questão de Taiwan** Há também problemas políticos. A China receia que o Japão vá abolir as cláusulas antimilitaristas de sua Constituição, iniciando uma corrida armamentista. E é contra a pretensão japonesa de se tornar membro permanente do Conselho de Segurança das Nações

Unidas – desde a década de 1970, a República Popular da China ocupa a cadeira de membro permanente reservada ao país no Conselho de Segurança das Nações Unidas (antes, o posto era ocupado por Taiwan). Há ainda a questão do apoio japonês às correntes separatistas de Taiwan, que os chineses consideram uma província rebelde. Os dirigentes da China reclamam, por exemplo, que em fevereiro deste ano, uma declaração conjunta dos governos dos EUA e do Japão, listou a questão de Taiwan como um assunto estratégico comum na região da Ásia e Pacífico. Para eles, esse tipo de abordagem fere os sentimentos do povo chinês e prejudica o desenvolvimento das relações entre os dois lados. Especialmente, dizem, porque nos tratados sino-japoneses assinados nas últimas três décadas os governantes do Japão aderiram ao conceito de que Taiwan é parte da China. ■